

MIGRAÇÕES, UM SINAL DOS TEMPOS

Pedro Vaz Patto

A temática dos refugiados e migrantes vem sendo, com notável insistência, objeto dos ensinamentos e da ação do Papa Francisco. Gestos emblemáticos, como os das suas visitas a Lampedusa ou à Grécia, ou o de lavar os pés de refugiados, permanecem na memória de todos.

As migrações são um fenómeno que há de marcar o futuro da Europa e de outros continentes e que está longe de ser passageiro (é incontornável – poderemos dizer). Na sua raiz estão as desigualdades de oportunidades nos vários pontos do mundo, mais visíveis devido aos progressos das comunicações. A crise demográfica na Europa torna, cada vez mais, imprescindível o recurso a trabalhadores migrantes. Podemos ver neste fenómeno um verdadeiro “sinal dos tempos”, que também torna particularmente atual aquela “cultura do encontro” e aquele “diálogo de culturas” de que também fala o Papa Francisco.

Dessa solicitude do Papa fazem-se eco, entre nós, iniciativas como a campanha internacional da Cáritas *Partilhar a Viagem*, lançada a 27 de setembro e projetada para dois anos, que pretende aproximar migrantes e refugiados das comunidades locais (ver www.caritas.pt); ou a conferência anual da Comissão Nacional Justiça e Paz, que decorrerá a 25 de novembro, com o título: *Muros e Pontes – Europa, migrações e diálogo de culturas* (ver www.ecclesia.pr/cnjp).

O que move o Papa nessa sua solicitude é, acima de tudo, a fidelidade ao Evangelho: «*Eu era forasteiro e vós recebestes-me*» (Mt 25, 35). Já no Antigo Testamento podemos ler: «*O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque foste estrangeiro na terra do Egito*» (Lv 19, 34).

Em várias ocasiões, Francisco propôs os verbos *acolher*, *proteger*, *promover* e *integrar* como as linhas-força da resposta comum por parte dos países de destino. Estes quatro verbos representam um dever de justiça, de civilização e de solidariedade.

No seu discurso aos responsáveis pelas migrações das Conferências Episcopais Europeias (de 22 de setembro passado), o Papa afirmou a sua «*preocupação diante dos sinais de intolerância, discriminação e xenofobia que se verificam em diversas regiões da Europa*», «(...) com frequência motivadas

pela desconfiança e pelo receio em relação ao outro, ao diferente, ao estrangeiro». E a sua ainda maior preocupação pelo facto de que «*as nossas comunidades católicas na Europa não estão isentas destas reações de defesa e rejeição, justificadas por um não bem especificado “dever moral” de conservar a identidade cultural e religiosa originária*».

Sobre esse suposto perigo de perda de identidade, diz o Papa nesse discurso: «*A Igreja difundiu-se em todos os continentes graças à “migração” de missionários que estavam convictos da universalidade da mensagem de salvação de Jesus Cristo, destinada aos homens e às mulheres de todas as culturas. Na história da Igreja não faltaram tentações de exclusivismo e fechamento cultural, mas o Espírito Santo ajudou-nos sempre a superá-las, garantindo uma abertura constante ao próximo, considerada uma possibilidade concreta de crescimento e de enriquecimento*». E ainda: «*De uma perspectiva missionológica, os fluxos migratórios contemporâneos constituem uma nova “fronteira” missionária, uma ocasião privilegiada para anunciar Jesus Cristo e o seu Evangelho sem se mover do próprio ambiente, para testemunhar concretamente a fé cristã na caridade e no respeito profundo pelas outras expressões religiosas. O encontro com migrantes e refugiados de outras confissões e religiões é um terreno fecundo para o desenvolvimento de um diálogo ecuménico e inter-religioso sincero e enriquecedor*».

Também a essa objeção, respondeu o Papa no discurso que deixou escrito quando visitou a Universidade Roma Tre, em 17 de fevereiro passado: «*Considerando que a primeira ameaça à cultura cristã da Europa vem precisamente do seio da Europa, o fechamento em si mesmos ou na própria cultura nunca é a solução para voltar a dar esperança e realizar uma renovação social e cultural. Uma cultura consolida-se através da abertura e do confronto com as outras culturas, desde que haja uma consciência clara e madura dos próprios princípios e valores*».

Na verdade, a perda da identidade cristã da Europa vem da sua própria infidelidade, não de uma qualquer “invasão”. E uma cultura forte não se perde no contacto com outras, antes com este se consolida e enriquece. ●